

A Igreja de Éfeso: um contato entre as tradições joanina e paulina

The Church of Ephesus: A contact between the traditions Johannine and Pauline

*Leonardo Henrique da Silva
Gilvan Leite de Araujo*

Resumo: Testemunhos antigos – dentre os quais o Novo Testamento – confirmam o contato de Éfeso, capital da província romana da Ásia, com a mensagem cristã ainda no primeiro século depois de Cristo. Autores cristãos clássicos atestam a presença tanto de Paulo e seus colaboradores, como de João, autor do Quarto Evangelho, neste importante cenário urbano. Portanto, segundo tradições antigas e estudos recentes, Éfeso conheceu duas das mais importantes escolas teológico-literárias do Novo Testamento: a paulina e a joanina. É certamente intrigante o silêncio histórico no que diz respeito a um possível contato entre estas comunidades cristãs efesinas. Se realmente houve uma comunidade joanina em Éfeso – o que encontra fortes indícios –, e somando-se ao fato de que lá existiu uma comunidade cristã de origem paulina, teria havido um contato entre ambas? Neste sentido, os Manuscritos de Qumran surgem como possibilidade para se compreender essa relação, haja vista que tanto a literatura paulina como a joanina apresentam contatos com a literatura essênia.

Palavras-chave: Éfeso, Evangelho segundo João, Tradição paulina, Qumran, Santuário.

Abstract: Ancient witnesses – among them the New Testament – confirm the contact Ephesus, capital of the Roman province of Asia, with the Christian message in the first century after Christ. Classical authors Christians attest to the presence of both Paul and his collaborators, as John, author of the Fourth Gospel in this important urban setting. Therefore, according to ancient traditions and recent studies, Ephesus met two of the most important theological and literary schools of the New Testament: the Pauline and Johannine. It is indeed puzzling historical silent with regard to possible contact between these Christian communities of Ephesus. If indeed there was a Johannine community at Ephesus – which is strong evidence – and adding to the fact that there existed a Christian community of Pauline origin, there would have been a contact between the two? In this sense, the Qumran Manuscripts arise as a possibility to understand this relationship, given that both the Pauline literature as Johannine have contacts with the Essene literature.

Keywords: Ephesus, Gospel of John, Pauline tradition, Qumran, Sanctuary.

Introdução

Desde que passou das mãos dos reis de Pérgamo para o controle do Império Romano, tornando-se a capital da província da Ásia, a cidade de Éfeso conheceu seu apogeu. Pode ser corretamente chamada de principal cidade da região mais rica do Império Romano. Ao lado de Roma, Alexandria e Antioquia da Síria, essa próspera cidade portuária era uma das mais importantes cidades imperiais.¹ No período em que o Novo Testamento foi escrito, contava com uma população de aproximadamente 250 mil habitantes. Esta

¹ Cf. ARNOLD, Clinton E. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2008, p. 434-435.

centralidade comercial pode ser explicada pela equidistância entre Éfeso e outras cidades como Corinto (400 km), Filipos (445 km), Antioquia da Pisídia (330 km), a Galácia e Tessalônica (480 km).²

Era uma cidade eminentemente helenista. Reunia em seus monumentos a beleza da cultura grega e o esplendor da dominação romana. Dignos de destaque eram o grande teatro e o templo de Ártemis – ambos mencionados por Lucas nos Atos dos Apóstolos (cf. 19,23-40). Um dos maiores teatros romanos já descobertos pela arqueologia, o teatro de Éfeso contava com uma área para 25.000 lugares. Já o templo de Ártemis – o maior edifício do mundo grego – tinha cerca de 80m de comprimento por 50 de largura, apresentando cem colunas com mais de 25m de altura. Tendo sido reconstruído diversas vezes desde sua criação no século VII a.C., foi escolhido como uma das sete maravilhas do mundo antigo.³

Devido a sua centralidade geográfica e comercial, Éfeso era uma cidade cosmopolita e heterogênea, pois era a porta para o oeste do interior da Anatólia e a porta para a Ásia daqueles que vinham da Grécia e da própria capital do Império. Como a própria Roma, Éfeso era um lugar de mistura de raças. Segundo testemunhos antigos, havia uma comunidade judaica em Éfeso desde a época selêucida, e essa comunidade possuía cidadania.⁴

Todas estas características acima mencionadas evidenciam o caráter singular desta capital romana do século I d.C. Sua população heterogênea e sua centralidade comercial – o que favoreciam uma constante circulação de pessoas vindas das mais diversas partes do mundo então conhecido, com suas culturas, costumes, crenças e valores – não passaram despercebidas ao cristianismo nascente. No intuito de propagar o querigma cristão, as primeiras gerações

de discípulos de Jesus viram em Éfeso uma grande oportunidade missionária de difusão da mensagem evangélica.

A relação entre o cristianismo e Éfeso é bastante singular nos primeiros séculos de nossa era. Relação esta que é digna de atenção. Éfeso teve contato com a mensagem cristã ainda na primeira geração de seguidores de Jesus através do apóstolo Paulo e seus colaboradores Priscila e Áquila. O apóstolo dos gentios, inclusive, é considerado o fundador da primeira comunidade cristã efesina. Uma antiga tradição também relaciona João, irmão de Tiago e igualmente apóstolo de Jesus (o qual teria escrito o Quarto Evangelho canônico) a Éfeso. O livro do Apocalipse, que segundo alguns especialistas pertence a escola teológica joanina, menciona a existência de uma igreja em Éfeso, dirigindo a esta uma das chamadas “sete cartas às Igrejas da Ásia” (cf. Ap 2,1-7).

Primeira premissa: Éfeso e as tradições paulinas

Quando se fala acerca da presença cristã em Éfeso, o nome de Paulo é destacado. Para alguns, o Apóstolo dos gentios teria sido o fundador da primeira comunidade cristã na cidade. Neste sentido, se pode afirmar sem sombra de dúvidas que Paulo não só esteve em Éfeso como também lá anunciou o evangelho de Cristo.

Para se analisar a presença do Apóstolo em Éfeso, é preciso ter claro que ao se estudar a biografia e a teologia de Paulo existem duas fontes: uma primária e outra secundária. A fonte primária, num primeiro momento, diz respeito às cartas protopaulinas⁵ (autênticas de Paulo); e num segundo, às chamadas “deuteropaulinas” (posteriormente escritas). Enquanto que a fonte secundária acerca da vida e missão de Paulo é o livro dos Atos dos Apóstolos que não é uma obra teológica paulina, mas sim, lucana.⁶ Isto posto, pode-se,

² Cf. MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Paulo: Biografia Crítica*. 2000, p. 176.

³ Cf. *Ibidem*, p. 179.

⁴ Cf. ARNOLD, Clinton E. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2008, p. 436.

⁵ São consideradas *protopaulinas* as cartas: 1Ts, 1 e 2Cor, Gl, Rm, Fl, Fm.

⁶ Cf. SCHNELLE, Udo. *Paulo, Vida e Pensamento*. 2010, p. 39.49-50

portanto, verificar o que as fontes dizem a respeito da relação de Paulo com Éfeso.

O próprio Apóstolo em uma de suas cartas autênticas afirma sua presença em Éfeso. Diz o texto de 1Cor 16,8-9: “Entrementes, permaneceréi em Éfeso até Pentecostes, pois aqui se abriu uma porta larga, cheia de perspectivas para mim, e os adversários são numerosos”. Paulo, portanto, teria escrito 1Corintios em seus anos em Éfeso, vendo nesta cidade um grande campo missionário, o que justifica a afirmação de que ele tenha evangelizado na cidade. Com este dado também concorda Lucas ao atestar na segunda parte de sua obra a presença de Paulo e seus colaboradores em Éfeso. Segundo Atos, Paulo esteve em Éfeso, e lá ocorreram a partir de sua pregação diversas conversões (cf. At 19,1-10). Portanto, estes dados são mais que suficientes para atestarem a presença de Paulo em Éfeso, o que ocasionou – com a ajuda de seus colaboradores – a gênese de uma comunidade cristã de escola paulina.

Além do mais, nesta linha de pesquisa chama a atenção o fato de que dentro do epistolário paulino preservado pela tradição da Igreja⁷ encontra-se uma *Carta dirigida aos Efésios*. A qual apresenta como destinatários os “ἀγίους τοῖς οὐσίς [ἐν Ἐφέσῳ]”⁸ (santos que estão em Éfeso). Por mais que a maioria dos especialistas tendam a classificar Efésios como uma carta deuteropaulina, não se nega que a mesma seja de escola paulina. Alguns chegam a afirmar que um

núcleo paulino da carta foi alterado ou expandido por um discípulo, escriba ou interpolador.⁹

Segunda premissa: Éfeso e a literatura joanina

Se a presença de Paulo e de seu pensamento teológico em Éfeso são mais fáceis de se afirmar historicamente, o mesmo não se pode dizer das tradições relacionadas a João. Como abordado anteriormente, uma antiga tradição relaciona o autor do Quarto Evangelho a cidade de Éfeso. Irineu de Lyon no século II já afirmava: “E depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que recostara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia”.¹⁰ Também Eusébio de Cesaréia, em sua *História Eclesiástica*, atesta a presença joanina nesta cidade: “Depois que morreu o tirano, João foi da ilha de Patmos para Éfeso. Ia, ao ser convidado, às regiões vizinhas dos gentios, ora para estabelecer bispos, ora para organizar igrejas inteiras, ora para escolher como clérigo um dos designados pelo Espírito”.¹¹

Além de testemunharem a presença de João em Éfeso, os autores clássicos supracitados também defendem que o autor de último Evangelho canônico tenha sido João, irmão de Tiago e apóstolo de Jesus, o que é rejeitado pela maioria dos especialistas contemporâneos. Mas se a autoria do Quarto Evangelho é hoje bastante controversa para os especialistas joaninos, o mesmo não se pode dizer do local de origem do texto. Éfeso ainda é colocada como a principal candidata a ter sido o berço, se não de todo texto de Jo, pelo menos de sua redação final.

Brown acredita que Éfeso se adegue melhor aos elementos literário-teológicos extraídos do texto joanino do que qualquer outro

⁷ A Carta aos Efésios já consta em cânones antigos como o de Marcião (em torno do ano 150) e no fragmento de Muratori, escrito por volta do ano 200 (cf. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 2011, p. 129).

⁸ O termo ἐν Ἐφέσῳ (em Éfeso) está ausente no P46 (o mais antigo texto de Efésios) e dos originais de importantes códices como o Vaticano e o Sinaítico, embora o sobrescrito “Aos efésios” esteja presente em todos os manuscritos do NT. A melhor explicação seria a suposição de que Ef tenha sido uma carta circular às igrejas da Ásia. A presença de “Aos efésios” como sobrescrito e a adição de “em Éfeso” podem ser atribuídos a importância de Éfeso entre as igrejas da Ásia Menor (cf. KOBELSKI, Paul J. *Carta aos Efésios in: Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. 2011. p. 617-618)

⁹ Cf. KOBELSKI, Paul J. *Carta aos Efésios in: Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. 2011. p. 618.

¹⁰ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. 2012, p. 247.

¹¹ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. 2008, p. 141.

local, além de valorizar o testemunho clássico ao afirmar que Éfeso é “o único lugar que possui testemunhos antigos”.¹² Schnackenburg é também concorde, pois segundo o exegeta alemão a tradição joanina teve suas raízes na Palestina, passando pela Síria, antes de finalmente se fixar em Éfeso onde foi redigida.¹³ Neste mesmo sentido se deve levar em consideração que para a perspectiva exegético-teológica atual, a narrativa evangélica é fruto da experiência de fé de grupos judaicos e helenistas que aderiram a pessoa de Jesus como Messias formando comunidades, e do amadurecimento teológico das mesmas. O Quarto Evangelho é o resultado – através do trabalho de um evangelista e de um redator final ou de redatores – da reflexão teológica da comunidade que teve sua gênese nos discípulos de Jesus.¹⁴ A comunidade joanina, portanto, como afirma Schnackenburg poderia ter-se fixado em Éfeso, onde o evangelho teria sido redigido.

Neste sentido, Casalegno oferece uma boa contribuição ao afirmar que Éfeso é o lugar tradicionalmente mais seguro. Segundo o autor, deve-se supor também que a comunidade tenha vivido inicialmente na Palestina – o que justificaria o conhecimento judaico do autor evangélico – e que teria sido obrigada a migrar por motivos imprecisos para enfim se estabelecer em Éfeso.¹⁵

Assim sendo, tanto o testemunho clássico quanto recentes estudos acerca do Quarto Evangelho apontam Éfeso como o principal local de origem do mesmo. Éfeso teria sido uma cidade de grande importância na história da comunidade joanina, e, portanto, de sua teologia. Não se pretende afirmar aqui detalhadamente como se deu a relação de João com Éfeso, mas o que se pode afirmar é que, segundo especialistas, houve em Éfeso a presença de cristãos joaninos e seu pensamento teológico.

Um possível contato entre as tradições paulina e joanina a partir de Éfeso?

Como se pôde perceber a partir das considerações anteriormente expostas, Éfeso representa uma importante página para o cristianismo das origens. Segundo tradições antigas e estudos recentes, a capital da província da Ásia Menor conheceu duas das mais importantes escolas teológico-literárias do Novo Testamento: a paulina e a joanina.¹⁶

O que surpreende é o lapso histórico no que diz respeito a um possível contato entre estas comunidades cristãs efesinas. Se realmente houve uma comunidade joanina em Éfeso – o que encontra fortes indícios –, e somando-se ao fato de que lá existiu uma comunidade cristã de origem paulina, teria havido um contato entre ambas? Afinal, tratam-se de duas comunidades cristãs que constituíam no primeiro século duas proeminentes escolas teológicas, que vieram, inclusive, a originar alguns dos principais livros do Novo Testamento. É inquestionável a contribuição do Quarto Evangelho e do Epistolário paulino para os tratados teológicos dos séculos seguintes no que diz respeito à teologia da Trindade, teologia da graça, cristologia, pneumatologia, eclesiologia, escatologia, entre outros.

É bastante claro que não são poucos os especialistas que já se debruçaram sobre os possíveis contatos teológicos entre João e Paulo, elencando suas convergências e divergências. Mas o que chama a atenção é a possibilidade de ter havido um contato em nível não somente teológico-literário, mas também histórico-cultural a partir

¹⁶ A partir do século II a cristologia passou por um processo sistematização a partir das reflexões, polêmicas e tratados dos Padres da Igreja – o que resultou nas afirmações dogmáticas dos primeiros concílios ecumênicos. É inegável que esta reflexão cristológica é devedora da contribuição do Quarto Evangelho e da teologia paulina acerca de Jesus. Temas como a preexistência do Verbo, encarnação do Verbo, consubstancialidade entre Pai e Filho, Jesus como Kyrios e Cristo, seu esvaziamento, sacrifício e glorificação, além da concepção de divindade de Cristo, quando não próprios das teologias de João e de Paulo, têm grande desenvolvimento nestes escritos.

¹² Cf. BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. 2007, p. 223.

¹³ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *Il Vangelo di Giovanni – Parte Prima*. 1973, p. 191.

¹⁴ Cf. BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. 2007, p. 205-216.

¹⁵ Cf. CASALEGNO, Alberto. *Para que contemplem a minha glória*. 2009, p. 40.

das tradições da primitiva igreja de Éfeso. O problema surge quando vem à tona a seguinte questão: de onde partir para responder tal indagação? Se realmente for possível dissertar sobre uma relação entre as tradições joanina e paulina a partir de Éfeso, como fazê-lo?

A literatura de Qumran

Partindo das indagações acima expostas, parece ser de fundamental pertinência a esta pesquisa uma afirmação de Brown quando o mesmo discorre acerca dos locais-candidatos de origem da composição do Quarto Evangelho. Tal colocação é de grande valia, pois lança luzes à problemática anteriormente exposta, indicando inclusive aquela que poderia ser a *peça do quebra-cabeça* que faltava para se compreender uma possível relação entre as teologias joanina e paulina a partir da tradição efesina.

Afirmando ser Éfeso a principal candidata a local de origem da composição joanina, o exegeta norte-americano problematiza a questão da seguinte forma:

Mais útil parece o argumento que assinala no Evangelho uma polémica contra os discípulos de João Batista, e o Novo Testamento mostra discípulos batizados no batismo de João em um só lugar fora da área palestinese, em Éfeso (At 19,1-7). Se existem paralelos entre João e os Rolos de Qumran, talvez seja um caso em que estes sejam mais evidentes em Colossenses e Efésios, cartas que se supõem terem sido enviadas na região de Éfeso?¹⁷

Colocada a citação, a mesma será dividida em duas partes para fins metodológicos. A primeira parte – concluída na citação de Atos – será explorada mais adiante, pois o que deve ser abordado neste momento é o questionamento feito pelo autor na segunda parte da citação.

¹⁷ BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. 2007, p. 222 (Tradução livre).

Brown questiona se haveria uma coincidência – caso existam paralelos entre João e a literatura qumrânica – partindo do pressuposto de que também possam haver relações entre os Manuscritos de Qumran e as cartas paulinas aos Colossenses e aos Efésios,¹⁸ cartas estas que seriam provenientes da região da Ásia Menor, onde Éfeso era a principal cidade.

Portanto, ao falar de Éfeso como origem da composição do Quarto Evangelho, Brown coloca a possibilidade de uma relação entre João e Qumran, fazendo o mesmo entre este último e Colossenses e Efésios (cartas enviadas na região de Éfeso).¹⁹ Tem-se aqui, portanto, uma conexão do tipo: Evangelho de João – Qumran – Colossenses e Efésios (literatura paulina) – Éfeso.

São relevantes a esta problematização as afirmações de Murphy-O'Connor e de Dodd. Enquanto o primeiro conclui que o autor de Efésios tenha se influenciado pelo pensamento e pelo vocabulário dos Essênios²⁰ – podendo inclusive ter pertencido a este peculiar movimento judaico²¹ –, Dodd²² coloca a possibilidade de que em Colossenses e Efésios o pensamento paulino mais se aproxime do Quarto Evangelho.

¹⁸ Uma forte corrente entre especialistas que tende a afirmar o caráter *deuteropaulino* destas cartas tem crescido atualmente. O questionamento da autoria paulina se baseia em aspectos como o conteúdo, vocabulário, estilo, e nas diferenças teológicas em relação às cartas consideradas autênticas. Mesmo àqueles que sustentam esta afirmação, esta não traz dificuldades à pesquisa, pois mesmo que o autor destas cartas não tenha sido Paulo, não se nega a influência paulina nas mesmas. E levando em consideração a presença da teologia paulina nesta região, parece bastante provável que os autores (ou autor) tenham pertencido às comunidades cristãs de profunda influência paulina, quiçá fundadas pelo próprio Apóstolo (cf. FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo III*. 1992, p. 137-140; KOBELSKI, Paul J. *Carta aos Efésios in: Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. 2011. p. 618).

¹⁹ Cf. FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo III*. 1992, p. 138.

²⁰ Esta pesquisa sustenta a hipótese comumente aceita de que os judeus que viviam às margens do Mar Morto e que produziram o material literário de Qumran pertenciam ao movimento judaico essênio mencionado por Josefo, Filon, e Plínio, o Velho.

²¹ Cf. MURPHY-O'CONNOR, Murphy. *Saint Paul et Qumran in: Le Monde de la Bible* nº 4. 1985, p. 59

²² Cf. DODD, Charles H. *A interpretação do Quarto Evangelho*. 2003, p. 20.

Portanto, a partir destas considerações, conclui-se que a literatura de Qumran, pode ser a *chave literário-teológica*, a *peça do quebra-cabeça*, para se compreender a possibilidade de relações entre as tradições paulina (esta representada até o momento por Colossenses e Efésios) e joanina a partir de Éfeso.

Considerações conclusivas

A conclusão a que se chegou no final do tópico anterior deve ser melhor explorada. Para esta finalidade serão verificados três aspectos de forma sucinta com o intuito de problematizar a questão abordada: primeiro, a possibilidade de influência dos Manuscritos de Qumran no Quarto Evangelho e nas cartas paulinas. Em segundo lugar, uma análise exegético-teológica da categoria *ναὸς* a partir de João e das cartas paulinas de Efésios, e também 1Coríntios, tendo por base a teologia de Qumran. Por último, será colocada a questão a respeito dos discípulos de João Batista (cf. At 19,1-7) tal como abordada por Brown na primeira parte da citação mencionada.

Em relação ao primeiro aspecto, muitos são os especialistas que acenam positivamente para a possibilidade de contato entre a literatura de Qumran e o Novo Testamento, principalmente no tocante a literatura joanina e a teologia paulina. Em relação ao Quarto Evangelho, os autores perceberam relações tanto de cunho literário como teológico. Tem destaque a oposição “trevas e luz” tão característica em Qumran e da mesma forma presente em João.²³ Segundo Brown, paralelos literários revelam certa vantagem da literatura qumrânica em relação a Jo frente a outras literaturas da época, como a rabínica e a hermética.²⁴ Outro aspecto interessante

é o do *calendário festivo* tão caro aos Essênios e que delineia parte da estrutura teológico-literária do Quarto Evangelho.²⁵

No que diz respeito a relação entre Paulo e Qumran é de grande pertinência a contribuição de Murphy-O'Connor, segundo o qual traços da teologia essênica podem ser encontrados nos textos de Colossenses e Efésios (cartas enviadas na região de Éfeso) e também em 1Coríntios (carta autêntica escrita por Paulo durante sua passagem por Éfeso).²⁶

Em relação ao segundo aspecto, esta pesquisa se propõe a analisar a categoria *ναὸς* no sentido de *santuário espiritual* em João, 1Coríntios e Efésios, tendo como pano de fundo a teologia de Qumran.

Diante de um sacerdócio ilegítimo, os Essênios de Qumran expressaram sua oposição ao Templo de Jerusalém aprendendo a viver sem o mesmo e considerando-se a si próprios como um *santuário espiritual*. A própria comunidade via-se como “uma casa segura em Israel”.²⁷ Como afirma Fitzmyer, “a comunidade de Qumran considerava-se a si própria como substituto do Templo de Jerusalém e seus sacrifícios”.²⁸ Ela era um “santuário de homens”,²⁹ e o *Templo de Deus*. Esta concepção teológica não aparece no Antigo Testamento, constituindo assim uma novidade de Qumran.³⁰

Tendo por base este pensamento teológico essênio, faz-se pertinente saber que em todo o Novo Testamento, o termo grego *ναὸς* – comumente traduzido por *santuário* – aparece 45 vezes em diversos contextos.³¹ Curiosamente, o referido termo apresenta o

²⁵ Cf. 1QS – Col. I,8; SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni – Parte Prima*. 1973, p. 499.

²⁶ Cf. MURPHY-O'CONNOR, Murphy. *Saint Paul et Qumran in: Le Monde de la Bible* n. 4. 1985, p. 58-59.

²⁷ Cf. CD III,9; 1QS VIII,5

²⁸ Cf. FITZMYER, Joseph A. *101 Perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. 1997, p. 106.

²⁹ 4QFlorilégio (4Q174) 1-3 I,6b.

³⁰ Cf. MURPHY-O'CONNOR, Murphy. *Saint Paul et Qumran in: Le Monde de la Bible* n. 4. 1985, p. 58.

³¹ Mt (9); Mc (3); Lc (4); Jo (3); At (2); 1Cor (4); 2Cor (2); Ef (1); 1Ts (1); Ap (16).

²³ Cf. FITZMYER, Joseph A. *101 Perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. 1997, p. 135-137.

²⁴ Cf. BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. 2007, p. 156-159.

sentido de *santuário espiritual* justamente nas cartas paulinas (1Coríntios, 2Coríntios e Efésios), e também em João. O que surpreende é que nestes casos este sentido vem acompanhado da concepção da comunidade eclesial como um “organismo” que tem Cristo como centro e o Espírito como agente vivificador.

Murphy-O’Connor já chamava a atenção para o paralelo entre Qumran e Paulo a respeito da concepção de *santuário espiritual*.³² Em 1Cor 3,17 se tem: “ὁ γὰρ ναὸς τοῦ Θεοῦ ἅγιός ἐστιν, οἱ κτινές ἐστε ὑμεῖς” (pois o santuário de Deus é santo e este sois vós). Este mesmo sentido pode também ser encontrado em Ef 2,21-22 quando o autor fala da comunidade cristã como *santuário santo e habitação de Deus*. É também na primeira carta aos Coríntios que Paulo utiliza a comparação com o “corpo” para referir-se à comunidade cristã (cf. 12,12-31). Tema este da mesma forma retomado posteriormente em Efésios (cf. 3,6; 4,4; 5,23; 5,30).

Para se compreender tal concepção em João, a perícopes de 2,13-22³³ será utilizada como base. Trata-se de uma junção joanina de dois textos que em Mc aparecem separados (cf. Mc 11,15-19; 14,58), e ao mesmo tempo de um deslocamento que João faz ao colocar o texto no início de seu relato, sendo que nos sinóticos o mesmo aparece no final. Mas enquanto na versão marcana a concepção de *santuário espiritual* é mais difícil de se precisar devido a carência de uma explicação mais concreta,³⁴ em João existem aspectos dignos de nota.

Ao longo do Quarto Evangelho o autor revela uma relação de restauração/ressignificação entre Jesus e o Templo. Neste sentido, é interessante a expressão redacional joanina ναοῦ τοῦ σώματος αὐτοῦ

(santuário de seu corpo). Esta indica, segundo Beutler, que após a ressurreição (portanto, no tempo da comunidade joanina) o corpo de Jesus deveria tornar-se o único lugar da presença de Deus entre os homens.³⁵ Acontece que, num olhar mais atento, a expressão ναὸς τοῦ σώματος αὐτοῦ parece indicar não somente o corpo do Ressuscitado, mas também o *corpo comunitário-eclesial*. A comunidade joanina se vê como *santuário* e como presença de Deus. Este elemento encontra respaldo no próprio evangelho joanino, no qual se pode ver em Jo 15, 1-7 a parábola da videira, com a qual se percebe o sentido de corpo, com Cristo ocupando a centralidade. Corpo/Videira que é animada pelo mesmo Espírito (cf. 16,1-15). Não menos importante é o texto de Jo 17 no qual Jesus insiste na unidade de si com a comunidade de discípulos utilizando os termos ὄνοματος (nome) e δόξα (glória). Segundo a literatura deuteronomista, o Santuário era o lugar da habitação da Glória e do Nome do Senhor (cf. 1Rs 8,11.16-20). Portanto, em João o Corpo de Cristo também significa o *Santuário da nova aliança*: a Comunidade cristã.

Assim sendo, se pode concluir que existe a possibilidade de que o pensamento de Qumran acerca da comunidade como *Santuário do Senhor* tenha influenciado tanto a literatura paulina como o Quarto Evangelho, levando-se em consideração que tal contato pode ter ocorrido em Éfeso (com a qual estão relacionadas 1Coríntios e Efésios), local que, segundo Brown, foi destinatário da mensagem joanina e que já teria tido contato com a concepção da Igreja como Corpo de Cristo através da tradição paulina.³⁶

Por fim, o terceiro aspecto mencionado. Como visto anteriormente, Brown chamava a atenção para o fato de que em João parece haver uma polêmica entre os discípulos de Jesus e os de João

³² Cf. MURPHY-O’CONNOR, Murphy. *Saint Paul et Qumran in: Le Monde de la Bible* n. 4. 1985, p. 58-59.

³³ Nesta perícopes o autor joanino utiliza além de ναὸς (vv.19-21), o termo ἱερόν (vv. 14-15) para designar o Templo. Segundo Brown, ἱερόν estaria designando a esplanada exterior do Templo ou o Átrio dos gentios, enquanto que ναὸς seria o Santuário propriamente dito (cf. BROWN, Raymond E. *El Evangelio segun Juan I.* 1979, p. 305).

³⁴ Cf. BROWN, Raymond E. *El Evangelio segun Juan I.* 1979, p. 317.

³⁵ Cf. BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João.* 2016, p. 92.

³⁶ Cf. BROWN, Raymond E. *El Evangelio segun Juan I.* 1979, p. 317.

Batista.³⁷ Alguns especialistas acenam para a possibilidade de que os discípulos de João e até mesmo o próprio Batista tenham pertencido ao movimento essênio, sendo este o canal através do qual o pensamento essênio poderia ter se encontrado com o autor joanino.³⁸ É certamente intrigante que somente em Éfeso sejam mencionados discípulos de João fora da Palestina, e justamente em contato com Paulo (cf. At 19,1-7), além da figura intrigante de Apolo, um homem versado nas Escrituras (cf. At 18,24). Seriam estes discípulos de João, Essênios? Poderia estar nestes textos a indicação de um contato histórico dos Essênios com as comunidades paulina e joanina? Muito difícil de responder, mas não deixa de ser um aspecto certamente intrigante.

Pode-se concluir afirmando a dificuldade de se estabelecer um contato entre as teologias paulina e joanina a partir das tradições de Éfeso. Todavia, os elementos elencados ao longo desta pesquisa fornecem um horizonte positivo a respeito, e trazem indicações pertinentes de que o pensamento de Qumran possa realmente ter influenciado as escolas cristãs relacionadas a Paulo e ao Quarto Evangelho tendo Éfeso como ambiente originário.

Bibliografia

- BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2016.
- BROWN, Raymond E. *El Evangelio segun Juan I – XII*. Madri: Ediciones Cristianidad, 1979.
- _____. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. Brescia: Queriniana, 2007.
- _____; FITZMYER, Joseph A.; e MURPHY, Roland E. (Org.), *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.

- CASALEGNO, Alberto. *Para que contemplem a minha glória: Introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009.
- DODD, Charles H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica, 2003.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo III*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FITZMYER, Joseph A., *101 Perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; e REID, Daniel G. (Org.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. São Paulo; Paulus, 2012.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo: Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Saint Paul et Qumran* in: *Le Monde de la Bible* nº 4. 1985.
- SCHNACKENBURG, Rudolf. *Il Vangelo di Giovanni – Parte Prima*. Brescia: Paideia, 1973.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e Pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.
- Textos de Qumran – Tradução dos originais hebraico e aramaico à cura de Florentino García Martínez*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 03/10/2016

³⁷ Sobre este aspecto conferir BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*. 2016, p. 105-107.

³⁸ Cf. BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. 2007, p. 80-81.